

# **ABERTURA DO CONGRESSO DA FUNDAÇÃO ABRINQ**

**Jorge Broide**

## **Agradecimentos...**

### **I – A FUNÇÃO DA FUNDAÇÃO**

A função da fundação Abrinq é contribuir para a ação qualificada e massiva no campo da infância e da adolescência em situações sociais críticas através da captação dos mais diversos recursos sociais.

São recursos materiais provenientes de doadores através de pessoas físicas e jurídicas.

Recursos humanos através de sua equipe e de todos aqueles que trabalham nos programas que recebem apoio da Fundação.

Recursos intelectuais através daqueles que compõe o Conselho de Administração, o Conselho Consultivo e o Comitê Gestor da Fundação.

Recursos acadêmicos através da parceria com a Universidade.

Recursos do trabalho de profissionais voluntários no atendimento às crianças e adolescentes.

Recursos políticos de advocacy através da inserção nas redes nacionais e internacionais das quais participa.

Tudo isso gera um valor, muito maior que o valor tangível. Temos aqui um forte valor simbólico que se expressa, por exemplo, na força da marca, do selo da Fundação Abrinq, que nos alavanca para novas ações e conexões.

Temos feito muito e nosso compromisso é estabelecer sólidas parcerias e devolver à sociedade brasileira tudo o que está colocado neste enorme valor intangível, fruto do trabalho de tantas pessoas e atores sociais, de dentro e de fora da Fundação.

## II – A COMPLEXIDADE DE CAMPO DE ATUAÇÃO.

A complexidade de nosso campo de trabalho corre sempre na nossa frente. O território mudou e tem mudado em uma velocidade vertiginosa. O mundo conhecido se desfaz com rapidez, se fragmenta e se recompõe de uma forma para nós desconhecida. Nosso conhecimento está sempre correndo atrás de um campo em mutação. Infelizmente, temos que admitir que:

- a fragmentação social aumentou. O território das grandes cidades especialmente as periferias, em função da ausência do estado, expõem a infância, a adolescência e juventude, a situações limite o tempo inteiro. A vida na periferia para os jovens é como uma corrida de obstáculos para a sobrevivência, onde ele deve superar situações limites tais como o tráfico, o desemprego, a violência, o desamparo. É um esforço extraordinário que leva ao esgotamento.

- o nível de violência aumentou. Em todas as classes. As famílias reproduzem em sua dinâmica a ausência de lei e de limites, onde a agressão não encontra limites. São notórios os casos de assassinatos bárbaros de crianças pelos pais.

- novos fenômenos de anos para cá, como o crack, o domínio do território pelo tráfico não podem mais serem ignorados. Hoje em dia existem territórios com lei própria, a do tráfico, onde são realizados julgamentos que passam muito longe do poder judiciário e da polícia. Em escolas da periferia, crianças de 8, 9 anos picham as paredes à lápis com o símbolo do PCC, além de já trabalharem para o tráfico.

A gravidade das situações que enfrentamos é cada vez maior.

Tudo isso se reflete:

- nos trabalhadores, que ficam expostos a todo o tipo de situações limites, muitas vezes sem o espaço de elaboração necessário, o que leva ao adoecimento, a desesperança, impotência, desespero, desinteresse, etc.

- nos programas de atendimento, com poucos recursos financeiros e, muitas vezes também, sem espaço para a qualificação das equipes através da reflexão e elaboração da violência e fragmentação do campo, são afetados por sérios conflitos no ambiente de trabalho que dramatizam o território fragmentado e expressam as dificuldades de atendimento. São poucos orçamentos dos programas que contemplam este espaço de reflexão das equipes.

- na comunidade, a sociedade civil e os empresários que querem contribuir efetivamente na questão social têm dificuldade de encontrar o caminho adequado para uma participação efetiva.

- nos diferentes níveis de governo encontram uma extraordinária dificuldade de organização de recursos humanos e materiais para uma ação coordenada em campo, ou então, simplesmente, não tem vontade política para uma intervenção transformadora.

É necessário o processamento destes fragmentos de um mundo em transformação tão veloz, já que o trabalhador sozinho não tem como fazê-lo.

### **III – A CORAGEM DE OUSAR**

Vemos-nos, portanto, em uma situação onde nunca o que temos é o suficiente.

Faz-se necessário a construção de um tecido, de uma tessitura construída pelo fio da palavra que integre o trabalhador, o grupo, a

instituição e a comunidade através da construção de espaços de interação e reflexão que façam esta rede. O tecido se constrói através da elaboração destes fragmentos, dos cacos deste mundo. É esta rede que pode suportar o vazio, o não saber, e que nos permite olhar o campo sem repetir para encontrarmos modelos de atendimento e gestão cada vez mais condizentes com a situação, e que operem concretamente sobre a situação.

Isso é o que dá sentido a um Congresso como este, onde estamos comemorando os dezoito anos do ECA. A troca que teremos nestes dois dias deve ir nesta direção. Pensarmos juntos, sem que o desconhecido nos paralise ou leve a soluções antigas para problemas novos. É necessário ousar.